

Tom Jobim e a natureza

Paulo Sergio (PS) Moreira da Fonseca¹

Aos sábados, às vezes eu ia à Cobal do Leblon (mercado de legumes, frutas e pequeno comércio de alimentação) só para ver o Tom. Naquele comes e bebes que fica no canto das delicatessens, naturebas e comidas árabes, onde se bebe a sorte do mundo, o Tom era assidua figurinha carimbada.

Eu costumava chegar sem que me visse, e cochichava em seu ouvido algum recado de um bicho do mato: – A mãe-da-lua mandou um abraço para você... – A tovacate mandou lembranças... Era a chave para um grande sorriso e a senha para iniciarmos uma conversa sobre os animais da floresta brasileira. Os bichos que lhe enviavam saudações variavam, mas ele gostava especialmente de conversar sobre o uiraçu, o gavião-real, a harpia *Harpia harpyja*, o maior de todos os gaviões, a mais poderosa ave de rapina conhecida como ele sempre mencionava.

Parêntesis: as minhas referências do Tom remontam à minha época de menino. Tom, até então, era uma figura de Ipanema, que minha mãe conheceu na infância e que, embora um nome de evidência mundial, em Ipanema era considerado ipanemense e genial, nesta ordem.

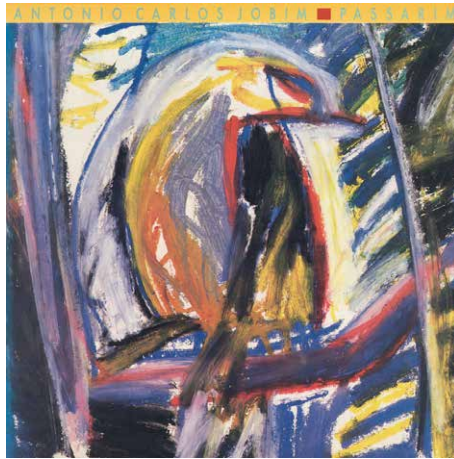
Já o conhecia de vista. Explico. Sou nascido no mesmo tempo que seu filho Paulo 1950. Fui surfista e me lembro do dia em que chegou a prancha que o Tom lhe trouxe dos EUA. Acho que era uma Hobie. Lembro-me também do Tom na praia observando Paulinho surfar. Naquele tempo uma prancha nova fazia mais sucesso que qualquer compositor. Ipanema era só felicidade.

Conheci o Tom pessoalmente pelos meus trinta e poucos anos da seguinte forma: fui almoçar na churrascaria Plataforma com Angela e Teresa, mulher e filha, num sábado, fim de tarde. A Plataforma estava vazia, com exceção de umas poucas mesas. De onde me situava reparei que o Tom se encontrava sentado sozinho em um canto da churrascaria. Tomei coragem, levantei-me, e chegando junto a ele disse:

– Gostaria de conversar com você.

Tom me olhou com aquela expressão de enfado que percorre tal situação, onde o ídolo é apanhado relaxado e assim quer continuar.

Emendei em seguida: – Não quero conversar sobre música. Quero conversar sobre passarinho. De pronto, abriu-se um sorriso ornitológico na situação. – Sente-se, disse ele, surpreso e sorrindo. Conversamos um bom tempo durante o almoço – quase esqueci de minha mulher e filha – e, daí, ficamos amigos.



Capa do disco “Passarim” (1987);
pintura de Elizabeth Jobim

O familiaridade de Tom acerca da vida dos animais e demais aspectos de sua biologia, não só denotava alguém que conhecia e amava profundamente o objeto de conhecimento, como alguém que tinha uma abordagem não só objetiva, mas também poética no ato de admirar a perfeição na multiplicidade, refletindo uma noção de ordem, rigor mesmo, que circunscreveu o Tom musical, o tempo todo.

Raciocinando por absurdo – e bota absurdo nisso –, não considerando Tom Jobim o genial e compositor único que foi, o Tom Jobim naturalista era tão genial quanto. É óbvio que a realidade é uma só, um só Tom, onde natureza e música eram

um único corpo. Mas o fato é que o Tom era um naturalista de mão cheia que conhecia o mato a fundo. E isso não é pouco. Contávamos um ao outro, histórias e mais histórias de uma multiplicidade de bichos de pena e de pelo, papo que só era interrompido pelo ciúme dos outros amigos presentes, que boiavam na conversa.

Ele gostava de me chamar pelo sobrenome “Moreira da Fonseca”, da mesma forma que chamava meu primo Duduka (baterista de sucesso nos EUA, casado com a Maucha Adnet, que tocava com ele em algumas de suas formações). Ele achava nosso sobrenome português muito “eufônico”.

Pelo que sei, registro o conhecimento de Tom acerca do “mato”, assim entendido como o que hoje se chama de “ecologia” (embora o termo já tenha sido cunhado há mais de 100 anos e ele mesmo se dizia ecologista antes da letra), pelas suas (vastas) experiências na serra do Mar e na baixada da baía da Ilha Grande, experiência esta adquirida ao longo de seus anos de infância e juventude.

É revelador para mim, a partir do momento em que a questão ambiental foi se tornando cada vez mais preocupante, o Tom naturalista ser buscado por sobre o gênio musical, dada toda a impressão que sua música sempre me revelou do Brasil. Só Villa-Lobos tinha esta perspectiva musical de um Brasil profundo que aludo.

E, como em todos nossos encontros, com troca de impressões sobre os mais diversos aspectos do mato, seus bichos, lendas, impressões etc, continuo a guardar a impressão que Tom era um grande sábio, que falava de seus conhecimentos através de poesia, e me dizia mais do Brasil que qualquer um.

Tom, a mãe-da-lua está com saudades!

¹ E-mail: psmfonseca@uol.com.br